

**SÉRGIO REIS COELHO**

**APONTAMENTOS SOBRE O MÉTODO DE PIERRE BOURDIEU NO ÂMBITO  
DAS CIÊNCIAS SOCIAIS**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Sociologia Política, no Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof<sup>o</sup> Dr. Gustavo Biscaia de Lacerda.

Curitiba  
2011

## RESUMO

A presente monografia tem por proposta refletir sobre o método empregado por Pierre Bourdieu no âmbito das Ciências Sociais. Parte-se do princípio de que esse autor criou conceitos que modificaram, profundamente, o pensar e o agir sociológicos, dando nova leitura à corrente em que estava inserido, o estruturalismo. Defende-se que Bourdieu utilizou em suas obras o método hipotético-dedutivo, pois, após desenvolver suas categorias de pensamento (*habitus*, campos, capital etc.), criava hipóteses e colocava-as à prova, à experimentação, unindo teoria e prática. Como método de procedimento, fez uso da etnografia, bem como utilizou, abundantemente, o levantamento de dados e as entrevistas como técnicas de pesquisa. Conclui-se que a contribuição de Bourdieu e de seu método de pesquisa abriram novos caminhos no desenvolvimento das Ciências Sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Pierre Bourdieu; método; Ciências Sociais; *habitus*; campo.

## RESUME

Cet article propose de réfléchir sur la méthode utilisée par Pierre Bourdieu dans les sciences sociales. On part du principe que cet auteur a créé des concepts qui ont profondément changé, la pensée et l'agir sociologique, en donnant une nouvelle interprétation au courant dans lequel il était inséré, le structuralisme. On affirme que Bourdieu a utilisé dans ses œuvres la méthode l'hypothético-déductive car après le développement de ses catégories de pensée (*habitus*, champs, capital, etc.) il créait une hypothèse et la mettait à l'épreuve, à l'expérimentation, en alliant théorie et pratique. Comme une méthode de procédure, il a utilisé l'ethnographique et a aussi utilisé, abondamment, la collecte de données et les entretiens comme des techniques de recherche hypothèse. Nous concluons que la contribution de Bourdieu et sa méthode de recherche a ouvert de nouvelles voies dans le développement des sciences sociales.

MOTS-CLES: Pierre Bourdieu ; méthode ; Sciences Sociales ; *habitus* ; champ.

## SUMÁRIO

|   |    |
|---|----|
| 1. Introdução .....   | 1  |
| 2. Da infância em Béarn à militância política em Paris .....    | 3  |
| 3. O estruturalismo e os conceitos propostos por Bourdieu ..... | 8  |
| 4. O método de análise bourdieusiano nas Ciências Sociais ..... | 14 |
| 5. Considerações Finais .....                                   | 18 |
| Referencias bibliográficas.....                                 | 19 |

## 1. INTRODUÇÃO

Tido como um importante pensador das Ciências Sociais no século XX, Pierre Bourdieu formulou e inseriu novos conceitos que fomentaram novas abordagens e compreensão social. A sua contribuição é preciosa, abordando temáticas variadas, ao realizar estudos em diversos campos, tais como educação, cultura, arte, história e lingüística.

Se outros pensadores, a exemplo de Niklas Luhmann<sup>1</sup>, propuseram um modelo de Sociologia cujo pressuposto era desconsiderar os seres humanos como pertencentes ao sistema social e, assim, tentar explicar o funcionamento da sociedade com base nas teorias sistêmicas e partindo da concepção de complexidade social, Bourdieu, ao contrário, entendia que não fazia sentido tal opção metodológica, pois a Sociologia tem por tarefa restituir aos homens e mulheres o sentido de suas ações, sendo um instrumento de libertação e conquista:

A Sociologia talvez não merecesse uma hora de esforço se ela tivesse por fim apenas descobrir os cordões que movem os indivíduos que ela observa, se esquecesse que lida com homens e mulheres mesmo quando aqueles homens e mulheres, à maneira de marionetes, jogam um jogo cujas regras ignoram, em suma, se ela não tiver como tarefa restituir a esses homens e mulheres o sentido de suas ações (BOURDIEU, 2006, p. 92).

Em Bourdieu a Sociologia aparece como um “esporte de combate”<sup>2</sup>, ou seja, como uma ciência que deve trabalhar a serviço da coletividade, esclarecendo o “porquê”, o “como” e, sobretudo, as conseqüências dos atos que são realizados pelas forças antagônicas no campo social.

Essa postura resultou em que suas pesquisas fossem, antes de tudo, resultado da junção de um intenso trabalho teórico com extensas pesquisas de

---

<sup>1</sup> Niklas Luhmann (Lüneburg, 8 de dezembro de 1927-Oerlinghausen, 6 de novembro de 1998) foi um sociólogo alemão adepto da teoria sistêmica e que propôs a sua utilização na explicação do fenômeno jurídico. Escreveu uma vasta obra, na qual defende o caráter autopoietico do Direito como recurso teórico e interpretativo para fazer frente à complexidade social.

<sup>2</sup> Bourdieu, que sempre foi tido como um intelectual moderado, exerceu no final de sua vida intensa militância política, o que o levou a participar dos grandes embates que transcorreram na França do final dos anos 1990. Pierre Carles, cineasta francês, realizou um documentário sobre a vida de Bourdieu e sua obra, o qual intitulou *La Sociologie est un sport de combat* (*A Sociologia é um esporte de combate*, de 2001).

campo, forçando-o a muito refletir sobre qual o papel à Sociologia e como desenvolver, adequadamente, a sua teoria e a sua prática.

A teoria sociológica de Bourdieu busca desvendar os mecanismos de reprodução que legitimam as diversas formas de dominação, sendo esse o tema principal que perpassa todas as suas análises e para o qual desenvolveu categorias próprias. Ele tentou demonstrar quão sutis são os mecanismos de dominação; para essa tarefa, apropriou-se e deu nova roupagem a conceitos recebidos de autores como Weber, Durkheim, Bacharelard e Marx, os quais exerceram grande influência sobre o seu pensamento (ORTIZ, 1983). De Marx, por exemplo, reformulou a noção de capital, que deixou de refletir tão-somente o aspecto econômico, como ocorria no marxismo, passando a ter na obra bourdieusiana um caráter polissêmico.

Bourdieu inovou não apenas ao realizar descobertas importantes, mas, sobretudo, ao transformar mentalidades. Segundo Wacquant<sup>3</sup> (2002, p. 95):

Os maiores pensadores de qualquer época são aqueles que não apenas “fazem descobertas” importantes – essa é a tarefa de qualquer cientista, como, aliás, afirmou Émile Durkheim –, mas também são aqueles que causam naqueles à sua volta uma mudança no modo de pensar, indagar e escrever. Pierre Bourdieu pertence a essa categoria, pois ele alterou para sempre a maneira como os estudiosos da sociedade, da cultura e da história em todo mundo, de Tóquio a Tijuana e a Tel Aviv, concebem e exercem seus ofícios.

É nesse contexto em que se insere este artigo, cuja proposta é precisamente entender a aplicação do método de análise bourdieusiano nas Ciências Sociais; para isso, é necessário perceber o que significa “método” em Pierre Bourdieu, quais suas teorias e categorias analíticas e de que forma ocorre sua aplicação, possibilitando ao estudioso a compreensão de seu contributo teórico.

---

<sup>3</sup> Lööc Wacquant, sociólogo francês, professor em Berkeley (EUA), é um dos grandes conhecedores da obra de Pierre Bourdieu, tendo escritos artigos em parceria com ele, bem como artigos sobre a vida e obra de Bourdieu.

## 2. DA INFÂNCIA EM BÉARN À MILITÂNCIA POLÍTICA EM PARIS

Pierre Bourdieu nasceu em 1930 em Denguim, província de Béarn, no Sudoeste da França. Essa é uma região tranquila em, geográfica e linguisticamente, como informa Wacquant (2002, p. 96), a língua nativa era a occitânica<sup>4</sup>, predominando uma vida bucólica e pastoril. Os seus primeiros estudos ocorreram nessa região, sendo que o jovem Bourdieu mudou-se para Pau, no Sul da França, para freqüentar o liceu daquela cidade.

Bourdieu viveu em Pau de 1941 a 1947, tendo sido, curiosamente, um aluno indisciplinado, recebendo mais de 300 suspensões e reprimendas ao longo do período, pois não aceitava os padrões de ensino que eram propostos. Ao mesmo tempo, distinguia-se como um bom jogador de rúgbi e de pelota basca, o que lhe valeu uma bolsa de estudos e o ingresso no Liceu Louis-Le-Grand, em Paris, indo viver nessa cidade.

Um ponto a destacar, de bastante relevo sobre o período mencionado, é que durante a II Guerra Mundial Bourdieu esteve internado no Liceu em Pau, mas isso não teve nenhuma repercussão ulterior em sua obra, não havendo nenhuma reflexão sobre a II Guerra em seus livros e artigos.

Terminados os estudos no Liceu parisiense, ingressou na prestigiosa École Normale Supérieure para cursar Filosofia, formando-se em 1954. Sobre a escolha da Filosofia, eis uma passagem do *Esboço de auto-análise*, livro em que Bourdieu emprega seu método para analisar a sua própria obra:

Não posso retomar aqui toda a maquinaria do processo de consagração que, desde o concurso de admissão à classe preparatória até o concurso de ingresso na Escola Normal, conduz os eleitos (em especial, os oblatos miraculosos) a eleger a escola que os elegeu, a reconhecer os critérios de eleição que os constituíram elite; bem como, na seqüência, a orientá-los, sem dúvida com tanto mais empenho quanto maior o grau de louvação, em direção à disciplina – rainha. Alguém se tornava “filósofo” pelo fato de haver consagrado, e a pessoa consagrava-se ao garantir para si o estatuto prestigioso de “filósofo”. Logo, a escolha da filosofia manifestava a segurança estatutária que vinha reforçar a segurança ( ou a arrogância) estatutária. Isso ocorria tanto mais assim num tempo em que o campo intelectual inteiro era dominado pela figura de Jean-Paul Sartre e no qual os *khâgnes*, sobretudo com

---

<sup>4</sup> A língua occitana, também chamada de “occitânica”, “*langue d’oc*”, “occitano” ou “provençal”, é uma língua românica falada no Sul da França (ao Sul do rio Loire), assim como em alguns vales alpinos na Itália e no Val d’Aran, na Espanha.

Jean Beaufret, destinatário da Carta sobre o humanismo, de Heidegger, e o próprio concurso de ingresso na escola Normal com a banca composta em certo momento de Maurice Merleau-Ponty e Vladimir Jankélévitch, eram ou podiam parecer os pináculos da vida intelectual (BOURDIEU, 2005, p. 41).

Sobre esse período da vida de Bourdieu, ressalta Wacquant (2002, p. 97):

Bourdieu logo ingressou na École Normale Supérieure, onde, como seu sucesso exigia, assumiu a rainha das disciplinas, a Filosofia. Mas, em reação à moda da época, dominada pelo existencialismo sartriano que marcava amplamente a educação e a vida intelectual, ele mergulhou no estudo da lógica e da história da ciência graças à influência de Alexandre Koyré, Jules Vuillemin, Eric Weil (cujo famoso seminário sobre a *Filosofia do Direito* de Hegel ele seguiu), Martial Guérault (um grande especialista em Leibniz sob cuja orientação ele escreveu um trabalho sobre as *Animadversiones*), Gaston Bachelard e Georges Canguilhem (que também haviam orientado Michel Foucault alguns anos antes).

Em 1955 foi convocado pelo Exército francês, mas em virtude de sua rebeldia e descrença com o serviço militar acabou sendo enviado para a Argélia, para servir em um regimento da aeronáutica responsável pela guarda e vigilância de explosivos, nas proximidades de Orléansville.

Esse momento foi crucial para a formação de seu pensamento, pois o contato com a sociedade argelina, seus costumes, seu modo de vida totalmente oposto ao europeu – enfim, um novo mundo que lhe era descortinado – promoveu a sua migração da Filosofia para a Antropologia e, depois, para a Sociologia.

Esse fascínio pela sociedade argelina fez que Bourdieu, mesmo já tendo cumprido seu serviço militar, permanecesse em Argel de 1958 a 1960, como assistente na Faculdade de Letras de Argel e pudesse prosseguir em suas pesquisas etnológicas e sociológicas. Sobre esse período em Argel, pode-se ilustrar com a seguinte passagem de Bourdieu (2005, p.76):

Ao longo dos anos passados na Argélia, posso dizer que nunca deixei de estar, por assim dizer, em trabalho de campo, fazendo observações mais ou menos sistemáticas (por exemplo, coligira desse modo centenas de descrições de conjuntos de vestimentas no intuito de relacionar as diferentes combinações possíveis de elementos tomados de empréstimo à indumentária européia e às distintas variantes do vestuário tradicional, fez, turbante, sarouel etc., com as características sociais de seus portadores), tirando fotografias, realizando gravações de conversas em lugares públicos (em dado momento, tive a intenção de estudar as condições da passagem de uma língua para outra, chegando a dar continuidade à experiência no Béarn, pois era mais fácil para mim), entrevistando

informantes, fazendo sondagens por questionário, consultando arquivos (passei noites inteiras copiando pesquisas sobre habitat, enfurnado, após o toque de recolher, na adega do escritório HLM), administrando testes nas escolas, animando discussões nos centros sociais etc.

Na Argélia Bourdieu realizou registros e fotografias da cultura e práticas locais, bem como publicou seu primeiro livro, *Sociologie de l'Algérie (Sociologia da Argélia)*, de 1957), obra em que fez um estudo histórico, etnológico e sociológico da sociedade argelina e na qual discutiu e antecipou vários problemas vividos por países que, como a Argélia, estavam passando por processos de descolonização.

A década de 1960 marca o retorno do sociólogo à França (em 1961) e seu ingresso na Escola Prática de Altos Estudos (EPHE) em 1964. É esse o ano de lançamento de *Les Héritiers (Os herdeiros)*, escrito em parceria com Jean-Claude Passeron, obra em que discute e analisa o sistema educacional francês. Esse livro obteve maior visibilidade em decorrência das manifestações estudantis, pela reforma do sistema educacional, ocorridas em maio de 1968<sup>5</sup>.

Durante as décadas de 1960, 1970 e 1980 continuou publicando sobre os mais diversos temas: alta costura, arte, gosto, o papel do sociólogo etc., da mesma forma que desenvolvendo suas categorias de análise e seu método próprio de abordagem sociológica. Também lecionou em importantes universidades espalhadas pelo mundo, proferindo, em 1982, sua aula inaugural no Collège de France, reconhecida universidade francesa, na qual criticou a formação do sociólogo e o saber sociológico, tema para o qual aliás envidou relevantes esforços durante toda a sua vida, pois era um crítico severo dos padrões sociológicos adotados e reproduzidos nas universidades.

Na década de 1990 passou a ser um arauto do movimento contra o neoliberalismo, exercendo forte militância política e tentando aproximá-la da reflexão intelectual. É dessa fase a obra *Contre-feux (Contrafogos)*, na qual busca municiar os opositores do neoliberalismo com argumentos sensatos e irrepreensíveis para enfrentar essa ameaça tão imponente. Nesse livro o autor analisa as estratégias por

---

<sup>5</sup> O fato histórico denominado “maio de 1968” refere-se a uma grande onda de protestos que se iniciaram como manifestações estudantis na França reivindicando reformas educacionais. O movimento contestatório cresceu e levou a uma greve geral de trabalhadores que balançou o governo do então presidente Charles de Gaulle, com a participação de mais de nove milhões de pessoas.

detrás do discurso neoliberal, o qual busca, por um jogo de palavras, suavizar a dura realidade de afastamento e de derrocada do Estado de bem-estar social, patrocinando uma política de supressão de direitos, de diminuição do Estado, bem como desmobilizando trabalhadores e organizações sindicais em todo o mundo.

Eis um fragmento dessa obra bastante significativo (BOURDIEU, 1999, p. 50):

He mencionado la «globalización»: es un mito en el peor sentido del término, un discurso poderoso, una «idea matriz», una idea que tiene fuerza social, que consigue que se crea en ella. Es el arma principal de las luchas contra las adquisiciones del Estado del bienestar: se dice que los trabajadores europeos deben competir con los trabajadores menos favorecidos del resto del mundo. De esse modo se ofrecen como modelos a los trabajadores europeos países donde el salario mínimo no existe, donde los obreros trabajan doce horas diarias por salarios que oscilan entre una cuarta y una decimoquinta parte de los europeos, donde no existe sindicatos, donde el trabajo infantil es habitual, etcétera. Y en nombre de semejante modelo se impone la flexibilidad, otra palabra clave del liberalismo, o sea, el trabajo nocturno, el trabajo en fines de semana, los horarios de trabajo irregulares y otras lindezas inscritas desde tiempo inmemorial en los sueños patronales. En general, el neoliberalismo recupera, arropadas con un mensaje muy elegante y muy moderno, las más rancias ideas de la más rancia patronal. (En los Estados Unidos hay revistas que publican cuadros de honor de los ejecutivos punteros, clasificados no por su retribución em dólares, sino por el número de empleados que han tenido el valor de despedir)

A militância política de Bourdieu teve, em 12 de dezembro de 1995, seu ponto culminante quando ele engajou-se na greve dos ferroviários franceses e, na Gare de Lyon, em Paris, proferiu um discurso para milhares de ferroviários atacando o neoliberalismo e saindo em defesa de um Estado social mais igualitário e mais solidário, que respeitasse os direitos dos trabalhadores.

Após esse fato, Bourdieu tornou-se um intelectual popular, conhecido em todas as rodas de discussão, participando de várias manifestações por toda a França, de encontros com lideranças populares na periferia de Paris, ocupando assim o papel do sociólogo do povo, do intelectual que descia de seu pedestal e sentava-se no mesmo banco do operário, discutindo e questionando o cotidiano político e cultural da França.

Lopes (2008) comenta o que significou a participação de Bourdieu na greve dos ferroviários em Paris:

Nessa ocasião ele fora uma voz isolada a defender os trabalhadores dentre a maioria dos intelectuais de renome, que se conformava com

uma modernização inelutável diante do que era visto como um movimento grevista desesperado em defesa do passado. Mas tal visibilidade se deu por ser ele um sociólogo de grande notoriedade científica, produtor de uma obra enorme e inovadora e que havia galgado os postos mais prestigiosos de professor e pesquisador na Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais e no Collège de France. Dali até a sua morte, no início de 2002, ocupou a posição de intelectual contestatário com grande presença na vida pública.

Em 2002, aos 71 anos de idade, Pierre Bourdieu, acometido de câncer, morreu no hospital Saint-Antoine, em Paris.

### 3. O ESTRUTURALISMO E OS CONCEITOS PROPOSTOS POR BOURDIEU

Ao percorrer-se as principais correntes da filosofia do século XX (Existencialismo, Positivismo Lógico, Fenomenologia, Estruturalismo, Filosofia Analítica, Filosofia das Ciências etc.) com o intuito de situar o pensamento de Pierre Bourdieu, percebe-se que ele é um estruturalista, sendo essa a corrente de pensamento que dominava a França na década de 1950.

Eis o que diz Nicola Abbagnano (1998, p. 377) em seu *Dicionário de Filosofia* sobre o estruturalismo:

Entende-se por este termo todo método ou processo de pesquisa que, em qualquer campo, faça uso do conceito de *Estrutura* em um dos sentidos esclarecidos. Esse termo nasceu na *Gestalt* e na lingüística, em que o E.[struturalismo] foi defendido pelos russos R. Jakobson, N. Trubetzkoy e inúmeros outros. Em Antropologia, o ponto de vista estruturalista foi introduzido por Radcliffe-Brown, no prefácio à obra *African Systems of Kinship and Marriage* (1950), tendo sido difundido na Antropologia moderna por Lévi-Strauss (*Anthropologie Structurale*, 1958, espec. cap. XV). Também houve tentativas de estendê-lo a todas as Ciências Humanas. Em sua exigência mais geral, o E. não só tende a interpretar um campo específico de indagação em termos de sistema, como também a mostrar que os diversos sistemas específicos, verificados em diversos campos (p. ex., Antropologia, Economia, Lingüística), correspondem-se ou têm características análogas. Lévi-Strauss, p. ex., julga possível que uma mesma estrutura possa ser encontrada em três níveis da sociedade: no sentido de que as normas de parentesco e de casamento servem para assegurar a comunicação das mulheres entre os grupos, assim como as normas econômicas servem para assegurar a comunicação dos bens e dos serviços, e as normas lingüísticas, a comunicação das mensagens (*Anthropologie Structurale*, cap. III, p. 95).

O estruturalismo de Bourdieu, entretanto, difere do de Lévi-Strauss e de outros autores pois, apesar de ele aceitar a existência de estruturas objetivas, que são ao mesmo tempo independentes da vontade dos agentes e inconscientes, não as concebe como realidades estáticas: para Bourdieu, os agentes sociais e as relações de força que estes estabelecem entre si condicionam e são condicionadas pelas estruturas que orientam a vida social.

A leitura bourdieusiana parece não aceitar a concepção, tão difundida no meio intelectual e acadêmico daquela época, de que o estruturalismo proclamou a morte do homem, pois Bourdieu sai em sua defesa ao afirmar a necessidade de incluí-lo na própria constituição da estrutura e, para isso, formula um conjunto de

conceitos que valorizam a participação do agente, do ser humano, dentro das estruturas objetivas que dominam e conduzem a vida social. Como afirma Thiry-Cherques (2006, p. 5):

É neste sentido que o estruturalismo de Bourdieu mais se distancia do estruturalismo de Lévi-Strauss. Enquanto este deriva o conceito de estrutura de Saussure e entende a prática social como simples execução, para Bourdieu as disposições, socialmente constituídas que orientam a ação, têm uma capacidade geradora [...]. Ele considera o sujeito, banido por Lévi-Strauss e por Althusser, tanto como inserido na estrutura quanto como força estruturante de um campo [...]. A sua concepção de estrutura é dinâmica. É a de um conjunto de relações históricas, produto e produtora de ações, que é condicionada e é condicionante. Deriva da dupla imbricação entre as “estruturas mentais” dos agentes sociais e as estruturas objetivas (o “mundo dos objetos”) constituídas pelos mesmos agentes. As primeiras instituem o mundo inteligível, que só é inteligível porque pensado a partir das segundas. A reciprocidade da relação estabelece um movimento perpétuo, um sistema generativo autocondicionado – o *habitus* – que busca permanentemente se reequilibrar, que tende a se regenerar, a se reproduzir.

Esse conjunto de conceitos, aliado à utilização de dados estatísticos e de pesquisas de campo, é que vai orientar a explicação de como ocorrem as interrelações entre os agentes e as destes com as instituições existentes, bem como de que forma ocorrem os estabelecimentos dos discursos da autoridade no âmbito social.

Ainda segundo Thiry-Cherques (*idem*), pode-se encontrar na análise bourdieusiana a existência de conceitos primários, que são o pano de fundo de todo o seu pensamento, bem como de outros, tidos por secundários, que permitem o desenvolvimento de suas ideias principais, mas que nem por isso têm menos importância.

Um primeiro conceito, que se pode denominar como primário, é o de *habitus*, o qual não é uma novidade trazida por Bourdieu, sendo encontrado, pela primeira vez, no pensamento grego – mais precisamente em Aristóteles – e que foi depois tratado por outros filósofos ao longo da história.

Ortiz (1983) enfatiza o que seria o *habitus* na teoria de Bourdieu com a seguinte passagem:

Enquanto Sartre, para a construção de uma teoria da prática, encontra a mediação entre sujeito e história no conceito de projeto, que sublinha a especificidade de uma ação colocada no tempo futuro, Bourdieu recupera a velha ideia escolástica de *habitus* que enfatiza a dimensão de um aprendizado passado. Com efeito, a

escolástica concebia o hábito como um *modus operandi*, ou seja, como disposição estável para se operar numa determinada direção; através da repetição criava-se, assim, certa conaturabilidade entre sujeito e objeto no sentido de que o âmbito se tornava uma segunda dimensão do homem, o que efetivamente assegurava a realização da ação considerada.

O *habitus* refere-se à maneira de perceber-se, julgar e valorizar o mundo, bem como ao modo como o agente comporta-se e age, sendo um modo próprio e particular de apresentar-se na realidade social.

Loïc Wacquant (2007) esclarece o significado de *habitus*:

*Habitus* é uma noção filosófica antiga, originária no pensamento de Aristóteles e na escolástica medieval, que foi recuperada e retrabalhada depois da década de 1960 pelo sociólogo Pierre Bourdieu para forjar uma teoria disposicional da ação capaz de reintroduzir na antropologia estruturalista a capacidade inventiva dos agentes, sem com isso retroceder ao intelectualismo cartesiano que enviesa as abordagens subjetivistas da conduta social, do behaviorismo ao interacionismo simbólico, passando pela teoria da ação racional. A noção tem um papel central no esforço realizado durante uma vida inteira por Bourdieu [...] para construir uma “economia das práticas generalizada” capaz de subsumir a economia, historizando e, por aí, pluralizando as categorias que esta última toma como invariantes (tais como interesse, capital, mercado e racionalidade) e especificando quer as condições sociais da emergência dos atores econômicos e sistemas de troca, quer o modo concreto como estes se encontram, propulsionam ou contrariam uns aos outros.

O *habitus* pode ser decomposto em alguns outros elementos: o primeiro é o *ethos*, que compreende os valores que regem a moral cotidiana, ou seja, engloba os princípios práticos reitores de nossas ações mais imediatas; o segundo é o *héisís*, que traduz os princípios interiorizados pelo corpo: a postura, a forma de exprimir-se corporalmente. Por fim, o *eidos*, que significa um modo específico de pensar, refletindo a forma que se apreende intelectualmente a realidade.

Referindo-se ao *habitus* Thiry-Cherques (2003, p. 34) ensina que:

Ele contém em si o conhecimento e o reconhecimento das /regras do jogo/ em um campo determinado. O *habitus* funciona como esquema de ação, de percepção, de reflexão. Presente no corpo (gestos, posturas) e na mente (formas de ver, de classificar) da coletividade inscrita em um campo, automatiza as escolhas e as ações em um campo dado, “economiza” o cálculo e a reflexão. O *habitus* é o produto da experiência biográfica individual, da experiência histórica coletiva e da interação entre essas experiências. Uma espécie de programa, no sentido da informática, que todos nós carregamos.

O *habitus* é relativamente autônomo: encontra-se entre o inconsciente-condicionado e o intencional-calculado. Não é destino: preserva uma margem de liberdade ao agente, não, certamente, a liberdade do sujeito sartriano, mas a liberdade conferida pelas regras dominantes no campo em que se insere. Ele contém as potencialidades objetivas, associadas à trajetória da existência social dos indivíduos, que tendem a se atualizar, isto é, são reversíveis e podem ser aprendidas.

Outro conceito fundamental é o de *campo*, que significa na teoria bourdieusiana a existência de um sistema de forças objetivas, um espaço em que os agentes nele inseridos encontram-se em uma situação de potencial conflito, a qual decorre das relações que necessariamente se estabelecem nesse espaço.

Bourdieu (1996), cuidando do campo artístico, bem exemplifica essa relação de forças entre agentes e instituições:

Muitas das práticas e das representações dos artistas e dos escritores (por exemplo, sua ambivalência tanto em relação ao “povo” quanto em relação aos “burgueses”) não se deixam explicar senão por referência ao campo do poder, no interior do qual o próprio campo literário (etc.) ocupa uma posição dominada. O campo do poder é o espaço das relações de força entre agentes ou instituições que têm em comum possuir o capital necessário para ocupar posições dominantes nos diferentes campos (econômico ou cultural, especialmente). Ele é o lugar de lutas entre detentores de poderes (ou de espécies de capital) diferentes que, como as lutas simbólicas entre os artistas e os “burgueses” do século XIX, têm por aposta a transformação ou a conservação do valor relativo das diferentes espécies de capital que determina, ele próprio, a cada momento, as forças suscetíveis de ser lançadas nessas lutas.

É importante perceber que o campo caracteriza-se por agentes que detêm o mesmo *habitus*, havendo aqui uma relação intrínseca entre as noções de *habitus* e de *campo*: sendo o primeiro a internalização da estrutura social, ou seja, das regras que devem ser observadas no campo, este último é, ao contrário, a exteriorização do *habitus*, sendo o espaço em que o agente coloca em evidência essas regras que foram previamente internalizadas. Em virtude do processo de diferenciação social, criam-se vários campos, em que cada um tem objeto e princípios próprios – daí a possibilidade de falar-se em “campo artístico”, “campo educacional”, “campo político”, “campo estético” etc.

Em que pese essa diversidade de campos, existem elementos que são universais, aplicando-se a qualquer dos campos. Para Bourdieu, além do *habitus* específico, em todo campo faz-se presente uma *doxa*, que representa o senso

comum, e o *nomos*, leis gerais que o governam, bem como um *capital* que reflete os interesses específicos do campo. É de assinalar-se que a noção de “capital” foi extraída do marxismo, mas na teoria de Bourdieu ela é estendida a outras formas de riqueza, não se limitando ao aspecto econômico.

A *doxa* deve ser entendida como tudo aquilo com que os agentes estão de acordo, não sendo questionável. Já o *nomos* abarca as leis gerais de funcionamento do campo; estabelecidos esses elementos, inicia-se um conflito entre os agentes que se encontram no campo, estando de um lado aqueles que detêm o capital específico do campo (argumento da autoridade), exercendo uma violência simbólica, e de outro aqueles que também têm a pretensão de dominar o campo.

No campo científico, a luta pelo monopólio da competência científica seria um exemplo claro desse embate: os dominantes são aqueles que conseguem impor uma definição de ciência a que todos os demais devem submeter-se, pois são os possuidores do capital específico (científico) que domina esse campo.

Bourdieu (1983) ilustra esse embate de forças que ocorre no interior de um campo, no caso o científico.

A luta pela autoridade científica, espécie particular de *capital social* que assegura um poder sobre os mecanismos constitutivos do campo e que pode ser reconvertido em outras espécies de capital, deve o essencial de suas características ao fato de que os produtores tendem, quanto maior for a autonomia do campo, a só ter como possíveis clientes seus próprios concorrentes. Isto significa que, num campo científico fortemente autônomo, um produtor particular só pode esperar o reconhecimento do valor de seus produtos (“reputação”, “prestígio”, “autoridade”, “competência” etc.) dos outros produtores que, sendo também seus concorrentes, são os menos inclinados a reconhecê-lo sem discussão ou exame. De fato, somente os cientistas engajados no mesmo jogo detêm os meios de se apropriar simbolicamente da obra científica e de avaliar seus méritos. E também de direito: aquele que faz apelo a uma autoridade exterior ao campo só pode atrair sobre si o descrédito. Muito semelhante, sob este aspecto, a um campo artístico fortemente autônomo, o campo científico deve, entre outras coisas, sua especificidade ao fato de que os concorrentes não podem contentar-se em se *distinguir* de seus predecessores já reconhecidos. Eles são obrigados, sob pena de se tomarem ultrapassados e “desqualificados”, a integrar suas aquisições na construção distinta e distintiva que os supera.

Essa imposição do que deve prevalecer em um determinado campo é o que Bourdieu denomina de “violência simbólica”, isto é, uma dominação que é imposta pelos detentores do capital específico do campo em análise, gerando uma situação

em que aquele que sofre a violência contribui para a sua condição, pois entende-a como legítima, correta. É o surgimento do argumento da autoridade, o qual se impõe pelo simples fato de ser reconhecido enquanto tal em um determinado segmento. É o mestre no campo da educação, o intelectual no campo científico, o crítico no campo da arte, o intérprete reconhecido no campo jurídico.

Por fim, o conceito de “capital”, que já foi anteriormente mencionado, refere-se aos interesses específicos de um campo; para Bourdieu, além do capital econômico, poderia ser considerado o capital cultural (correspondendo ao conjunto de conhecimentos, informações, habilidades que são transmitidas pela família e pelas instâncias formais de educação); o capital social (redes de relacionamento e contatos) e o capital simbólico (prestígio, honra), sendo este último uma síntese dos demais. Essas formas de capital podem ser convertidas em outras e vice-versa, possuindo importância de acordo com o campo específico que esteja sendo analisado.

#### 4. O MÉTODO DE ANÁLISE BOURDIEUSIANO NAS CIÊNCIAS SOCIAIS

Obtida essa visão prévia sobre os conceitos mais relevantes desenvolvidos por Bourdieu, chegou o momento de discutir-se e compreender a sua forma de investigar.

Como já dito, Bourdieu não desvencilhava a teoria da prática, pois não acreditava que o seu método pudesse ser estudado de maneira separada da pesquisa em que era empregado; assim, este consistia em estudar um determinado campo, tendo como referência um conjunto de conceitos já previamente elaborados (*habitus*, campo, capital, *doxa*, *nomos* etc.), e buscar estabelecer, no interior do campo, as posições que eram ocupadas pelos agentes e as relações que eram estabelecidas entre estes e as instituições sociais.

Para Thiry-Cherques (2003):

Bourdieu segue, em linhas gerais, o protocolo de investigação estruturalista, mas tem como fundamento epistemológico o “materialismo racional” de Bachelard (1990), que preconiza a elaboração prévia do modelo teórico das “estruturas *noumenais*” (*noumeno* sendo a intuição intelectual, pura ou derivada da sensibilidade, o pensamento pensado, por oposição ao fenômeno, o manifesto) e a experimentação como realização ou atualização do fenômeno. Propõe um percurso epistemológico que vai “do racional ao real” e não do “real ao geral”. Entende que o real é racionalizado como atualização de uma teoria.

Bourdieu denominava a sua obra de “estruturalismo construtivista”. Apesar da existência de estruturas objetivas que coagem a ação e a representação dos indivíduos, percebia que essas estruturas são construídas socialmente, em uma relação em que o agente tanto é condicionado pela estrutura, quanto condiciona-as: “os agentes sociais, tanto nas sociedades arcaicas como nas nossas não são apenas autômatos regulados como relógios, segundo leis mecânicas que lhe escapam” (BOURDIEU, 2004, p. 21).

Sobre o estruturalismo construtivista, Bourdieu (*idem*, p.149) definia-o da seguinte maneira:

Por estruturalismo ou estruturalista, quero dizer que existem, no próprio mundo social e não apenas nos sistemas simbólicos [...], estruturas objetivas, independentes da consciência e da vontade dos agentes, os quais são capazes de orientar ou coagir suas práticas e representações. Por construtivismo, quero dizer que há, de um lado, uma gênese social dos esquemas de percepção, pensamento e ação que são constitutivos do que chamo de *habitus* e, de outro, das

estruturas sociais, em particular do que chamo de campos e grupos, e particularmente do que se costuma chamar de classes sociais

Existem etapas claras que eram seguidas por Bourdieu na aplicação de seu método.

A primeira era a delimitação do campo, momento em que se apresentava um problema bastante debatido por Bourdieu, por ele denominado de “*habitus* sociológico”, ou seja, as predisposições do pesquisador e de que forma elas influem no objeto de pesquisa. Bourdieu afirmava que todo conhecimento é condicionado pelo *habitus*, propondo, então, que o pesquisador deve realizar um exercício de auto-elucidação do que se propõe a pesquisar, no escopo de ficar ciente das suas vulnerabilidades, dos seus preconceitos e dos prejuízos que daí podem advir.

O segundo passo é analisar os agentes e instituições que são objeto de estudo na estrutura do campo, buscando identificar as posições que ocupam e decompondo todas as ocorrências significativas que caracterizam esse sistema de posições (*doxa, nomos* etc.)

Em um terceiro momento o pesquisador volta sua atenção para o *habitus* dos agentes, bem como para as relações objetivas que se estabelecem entre as posições no campo, ou seja, qual a lógica que rege esses agentes, quais são os interesses que os movem e fazem-nos atuar de determinada maneira.

Por fim, o pesquisador deve estabelecer a problemática geral que domina aquele determinado campo e passa então a investigá-la, propondo uma hipótese, a qual será objeto de questionamento, podendo ser confirmada ou rejeitada empiricamente, demonstrando que Bourdieu parece seguir o método hipotético-dedutivo proposto por Karl Popper, para quem “o velho ideal científico da *episteme* – do conhecimento absolutamente certo, demonstrável – provou ser um ídolo. A exigência da objetividade científica torna inevitável que todo enunciado científico permaneça provisório pra sempre” (POPPER, 1975, § 85, p. 383). Em Popper, o conhecimento não é a procura da certeza, pois errar é humano, mas o ser humano deve lutar contra o erro, a incerteza, ainda que não se possa saber se, mesmo assim, não esteja cometendo um erro.

Araújo (2010, p. 60) cuidando do método hipotético-dedutivo, no entanto, ressalta:

Uma teoria corroborada não é, entretanto, uma teoria verdadeira. Popper prefere reservar verdade e falsidade para a relação lógica

entre enunciados, independentemente das ocorrências empíricas. Um enunciado só é tido como corroborado em relação a um sistema de enunciados básicos aceitos até determinado momento.

O método de abordagem de Bourdieu parece ajustar-se ao método hipotético-dedutivo de Popper, pois formula uma hipótese ao problema, passando então a colocá-la à prova, no intuito de falseá-la, de refutá-la, pois uma teoria só pode ser denominada de científica se for possível refutar os seus enunciados.

É na prática que Bourdieu coloca a sua hipótese em teste. Por exemplo: o sistema escolar foi uma preocupação constante desde a década de 1960, colocando nas obras *Os herdeiros* e *A reprodução* as questões centrais de seu pensamento sobre o campo educação e o papel da escola. Após afirmar que o sistema escolar contribui para reforçar a diferença preexistente – ao promover valores que, muitas vezes, não são os mesmos promovidos pela família, em virtude de capitais culturais diversos –, tal fato acabou por gerar sérios debates na França sobre o modelo pedagógico até então adotado.

Como método específico de pesquisa, desde sua migração para a Etnologia Bourdieu adotou o método etnográfico. Esse método, segundo Rocha e Eckert (1998):

Aponta para uma ética de interação, de intervenção e de participação construída sobre a premissa da relativização, onde os temas da interpretação e da crise da identidade pessoal do antropólogo despontam como centrais. Guardadas as divergências teórico-analíticas, trata-se de toda uma geração de antropólogos que priorizaram o ponto de vista do “outro” compreendido a partir do processo interativo em campo: o encontro intersubjetivo entre o pesquisador e os sujeitos pesquisados construído nas tensões entre identidade/alteridade de ambos.

O desenvolvimento de seu conjunto teórico buscou aliar teoria e prática, no intuito de melhor compreender o objeto de pesquisa; para Bourdieu (1989, p. 24), “com efeito, as opções técnicas mais ‘empíricas’ são inseparáveis das opções mais ‘teóricas’ de construção do objeto”.

Como técnica de pesquisa, o autor fez amplo uso da entrevista, notadamente nas modalidades de história de vida, entrevista aberta e entrevista semi-estruturada, o que lhe propiciou os dados subjetivos necessários para suas pesquisas.

Por fim, para Bourdieu, o campo jurídico, como todos os demais, é dominado por lutas internas, divergências, no afã de definir-se a quem pertence o argumento da autoridade, ou seja, quem exerce a violência simbólica e quem a sofre.

Como no texto religioso, filosófico ou literário, no texto jurídico estão em jogo lutas, pois a leitura é uma maneira de apropriação da força simbólica que nele se encontra em estado potencial. Mas, por mais que os juristas possam opor-se a respeito de textos cujo sentido nunca se impõe de maneira absolutamente imperativa, eles permanecem inseridos num corpo fortemente integrado de instâncias hierarquizadas que estão à altura de resolver os conflitos entre os intérpretes e as interpretações (*idem*, p. 214).

Logo o método proposto por Bourdieu e as suas categorias de análise, que foram, sucintamente, tratadas neste artigo, servem à compreensão do Direito, do campo jurídico, o qual é, por excelência, o *locus* do conflito e da litigiosidade. O Direito tem por missão solucionar problemas práticos e tomar decisões sobre disputas; como lembra Ferraz Júnior (2011, p. 2), pode-se inferir que “o Direito não é um empreendimento que se reduz facilmente a conceituações lógicas e racionalmente sistematizadas”.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após estes breves apontamentos sobre o método de Pierre Bourdieu, nos quais se analisaram alguns aspectos de sua obra, resta claro que a leitura bourdieusiana é atual e fornece subsídios importantes para a compreensão do mundo social.

O método aqui analisado aplica-se as várias esferas em que se desenvolve a sociedade, tendo sido o seu mérito criar novas categorias e conceitos que permitiram uma explicação mais racional da sociedade. A Sociologia de sua época, presa a um estruturalismo de modelo (Lévi-Strauss, Lacan, Barthes, Althusser etc.), defendia que a estrutura era decorrência da existência de regras que regiam, conforme Araújo (2008, p. 128), “as modificações e as configurações dos elementos de um sistema”. Bourdieu rompe com esta tradição (o estruturalismo) e traz o homem para dentro da estrutura, formulando o que ele mesmo denominou de “estruturalismo construtivista”, criando conceitos como *habitus*, campo, capital, violência simbólica etc. que revolucionaram não só o estruturalismo, mas a maneira de refletir-se sociologicamente.

O Direito, sendo um campo como qualquer outro, como o educacional, o científico, o artístico, o político etc. tornou-se objeto de estudo de Bourdieu e *locus* de aplicação de seu método, buscando compreender como se estabelecem as relações de força e poder dentro dele campo, quais os argumentos da autoridade, quais os papéis ocupados pelos agentes, seus *habitus* etc.

O método de Bourdieu, ao juntar teoria e prática, ao discutir o papel do sociólogo e a influência de seu *habitus* para a pesquisa, ao apresentar novos parâmetros para a investigação social, formulou uma nova teoria. Essa nova teoria, por sua vez, aliada aos fatos que marcaram a vida do autor na defesa da Sociologia como um esporte de combate e de sua intensa militância política, na década de 1990, demonstram que Bourdieu muito contribuiu e ainda muito contribuirá para o desenvolvimento das Ciências Sociais.

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**ABBAGNANO**, N. 1998. Estruturalismo. In: \_\_\_\_\_. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: M. Fontes.

**ARAÚJO**, I. L. 2010. *Introdução à Filosofia da Ciência*. 3ª ed. Curitiba: UFPR.

**BAUER**, M. W. 2007. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, M. W. & GASKELL, G. (orgs.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. 6ª ed. Petrópolis: Vozes.

**BOURDIEU**, P. 1983. *Pierre Bourdieu*. Col. "Os grandes cientistas sociais". Organização de Renato Ortiz. São Paulo: Ática.

\_\_\_\_\_. 1989. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

\_\_\_\_\_. 1996. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras.

\_\_\_\_\_. 1999. *Contrafuegos: reflexiones para servir a la resistencia contra la invasión neoliberal*. Barcelona: Anagrama.

\_\_\_\_\_. 2004. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense.

\_\_\_\_\_. 2005. *Esboço de auto-análise*. São Paulo: Companhia das Letras.

\_\_\_\_\_. 2006. O camponês e seu corpo. *Revista de Sociologia e Política*, Curitiba, n. 26, p. 83-92, jun. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsocp/n26/a07n26.pdf>. Acesso em: 10.set.2011.

**ECO**, U. 1989. *Como se faz uma tese*. São Paulo: Perspectiva.

**FACHIN**, O. 2006. *Fundamentos de Metodologia*. 5ª ed. São Paulo: Saraiva.

- FERRAZ JÚNIOR**, T. S. 2011. *Introdução ao estudo do Direito: técnica, decisão, dominação*. 6ª ed. São Paulo: Atlas.
- LAGE**, G. C. 2009. Revisitando o método etnográfico: contribuições para a narrativa antropológica. *Revista Espaço Acadêmico*, Maringá, n. 97, jun. 2009. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/viewFile/7104/4134>. Acesso em: 10.set.2011.
- LÉVI-STRAUSS**, C. 2005. Como nasce um etnógrafo. In: \_\_\_\_\_. *Tristes trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- LOPES**, J. S. L. 2008. Articulações inovadoras entre ciência e política. *Cult*, São Paulo, n. 128. Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/articulacoes-inovadoras-entre-ciencia-e-politica>. Acesso em: 10.set.2011.
- NEGRI**, A. 1996. Resistir à transcendência. *Folha de S. Paulo*, 25.fev., p. 21.
- ORTIZ**, R. (org.). 1983. *Pierre Bourdieu*. Col. "Os grandes cientistas sociais". São Paulo: Ática.
- POPPER**, K. R. 1975. *A lógica da investigação científica*. Col. "Os pensadores". São Paulo: Abril Cultural.
- PINTO**, L. 2000. *Pierre Bourdieu e a teoria do mundo social*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.
- ROCHA**, A. L. C. & **ECKERT**, C. 1998. A interioridade da experiência temporal do antropólogo como condição da produção etnográfica. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 41, n. 2, p. 107-136. Disponível em:

[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-77011998000200004&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-77011998000200004&script=sci_arttext). Acesso em: 11.set.2011.

**SOUSA**, J. M. 2000. O olhar etnográfico da escola perante a diversidade cultural. *Revista de Psicologia Social e Institucional*, Londrina, v. 2, n. 1. jun. Disponível em: <http://www2.uel.br/ccb/psicologia/revista/textov2n16.htm>. Acesso em: 10.set.2011.

**THIRY-CHERQUES**, H. R. 2006. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. *Revista de Administração Pública*, Rio de Janeiro. v. 40, n. 1, p. 27-55, jan.-fev. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rap/v40n1/v40n1a03.pdf>. Acesso em: 10 setembro 2011.

**WACQUANT**, L. 2002. O legado sociológico de Pierre Bourdieu: duas dimensões e uma nota pessoal. *Revista de Sociologia e Política*, Curitiba, n. 19, p. 95-110, nov. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsocp/n19/14625.pdf>. Acesso em: 10.set.2011.

\_\_\_\_\_. 2007. Esclarecer o *habitus*. *Educação & Linguagem*, São Paulo, ano 10, n. 16, p. 63-71, jul.-dez. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/EL/article/viewFile/126/136>. Acesso em: 10.set.2011.